

**O GRANDE TEATRO  
DA VIDA EM FAMÍLIA**  
*Ficção e realidade se misturam numa história  
divertida e emocionante*

***Dedicado à todas as famílias.***

Este livro mostra as vidas de três famílias que não se conhecem, porém se mesclam no decorrer dos anos.

Você acompanhará as alegrias, tristezas e os pecados mais comuns quando o seio familiar é composto por vários membros..

Uma família é de origem católica, uma é de origem umbandista e a outra é evangélica, mas não pense que se trata de um romance onde só aparecem “mocinhos crentes” e “vilões de outras religiões”... Infelizmente há todo tipo de pessoa em qualquer lugar. O que eu quero deixar claro é que somente Jesus é perfeito e não devemos olhar para o homem, quando tratamos das coisas do espírito. Boa parte do texto aqui contido é baseado em fatos reais, (a maior parte dos nomes são fictícios) contudo não deixei de aproveitar o talento que Deus me deu para acrescentar humor e muita imaginação à história.

**Cap. I**

**Todo mundo bem na foto**

Ano de 2009 - Centro de Mogi das Cruzes

Foi uma loucura. Reunir tantos homens e mulheres de três famílias para aquela grande foto histórica. O Largo da Bênção, em Mogi da Cruzes, recentemente inaugurado, ficara uma euforia só. Eram dezenas de almas que haviam se dobrado perante Deus e aceitado Jesus como Salvador. Antigamente, fotos como essa, que valorizavam os familiares não eram motivos de tanta curiosidade por parte da população que, agora, ficava por perto para saber o que seria toda aquela agitação.

Atrasada, como de costume, Jocinne, ainda estava em sua casa.

- Kennedy! Desce logo, filho!! - chamava ela, penteando seus cabelos louros.

- Eu ainda nem tomei banho, mãe! - respondia o garoto de sete anos, no andar de cima de uma bela casa. - A Isla que está me atrasando!

- Espera um pouquinho, Kennedy! - dizia sua irmãzinha - Estou terminando!

- O pai de vocês já tomou banho na casa da vovó e me ligou dizendo que já está vindo para cá! É melhor vocês se apressarem! - dizia Jocinne

- Ele vem de carro, mamãe? - pergunta Kennedy.

- Vocês verão que bênção, filho! Papai está dirigindo aquele vermelho que nós escolhemos! - responde ela.

- Sério, mamãe?? Aquele lá??? - pergunta Isla, abrindo a porta do banheiro. - Glória a Deus!!!

Kennedy, feliz da vida, entra rapidamente para banhar-se, enquanto Isla dirige-se para seu quarto.

Logo, ouvem a buzina do novo carro da família.

Jocinne, chegando-se à janela, diz para seu marido, Wilson:

- Entra, amor! Estaremos prontos em quinze minutos! A Évinin já foi na frente com o namorado...

Wilson, descendo do carro, diz:

- Tudo bem, querida, enquanto isso, vou até ali na casa da Lurdinha, conversar um pouco! Ela também deve estar esperando o Paulino voltar para poderem ir.

- Ok, querido! Manda um abraço para minha cunhada! - termina Jocinne.

Enquanto Wilson se dirigia até a casa de sua irmã mais velha, meditava acerca do que Deus estava fazendo em suas vidas...

*(Continua no capítulo XVIII, mas eu aconselho você ler  
toda a história, senão você não vai entender nada.)*

Salmos 119:130

A revelação das tuas palavras esclarece  
e dá entendimento aos simples.

**Cap. II**

**Os Soares Cardoso**

Ano de 1956 - Zona Rural de Mogi das Cruzes

Dona Caetana, avó de Mariazinha, moradora de um pequeno sítio em Biritiba Ussu, estava remexendo as lenhas de seu fogão, quando ouve o barulho de seus gansos, anunciando a presença de alguma visita. Limpando as mãos em seu avental, corre para a frente da casa:

- Frozina!! - exclama ela - Que bão que ocê veio! Tava ali, perparando o coeio que o Macir trôxe hoje da caça. Entra, muié!!

As duas eram grandes amigas de infância. Dona Frozina, antes de entrar na humilde casa da “comadre”, faz o sinal-da-cruz, quando passa perto de uma imagem de São Lázaro, que ficava acima da porta. Dona Caetana, tirando o pó de seu sofá, faz o convite:

- Senta aí, cumadre. Só vô ali, dá mais uma remexida nas lenha e já venho conversá cocê. Proveito e boto um caneco de água pra fervê e fazê um café pra nós...

Dona Frozina, muito educada, aguarda a amiga com certa ansiedade. Logo Dona Caetana volta, com um frango com a cabeça destroncada e uma lata de água fervente..

- Intão, cumadre... - diz Dona Frozina - Como vão as coisa, por aqui? Vi que a coieita de mio foi boa, este anq né?

- Fazia tempo que eu e o véio num juntava tanto mio, cumadre. Valeu a novena que fizémo pra São João... - respondia ela - Se a cumadrequisé posso arrumá umas ispiga...

- É, cumadre Caetana... Eu vim memo pra comprá quirera... - diz Dona Frozina.

- É? Tá bão... Já perparo procê... Mas, antes, vamo proscá mais um poco. - diz Dona Caetana, enquanto mergulhava o frango na água fervente e depenava-o com grande agilidade - Fiquei sabendo umas conversa sobre o seu neto, o Vicente...

Dona Frozina diz:

- É, cumadre... As criança cresce rápido... Parece que inda onte a minha fia Nita tava grávida dos mininos... Na verdade minha fia ficô muito triste desde o João foi simbora de casa, brigado co Vicente por bobage... Agora ela tá agradando o meu neto de toda manêra... Inté pidiu pra eu vim conversá cocê, cumadre, sobre a Mariazinha... Ela acha que os dois pode dá um bão par...

- Intão o buato que tá correno no bairro é verdade memo, é? - pergunta Dona Caetana.

- É tão difícil falá dessas coisa, né cumadre? No nosso tempo era bem diferente... Os pais que arrumava casório pra nós, né? - diz Dona Frozina.

- Mas, fala aí, Frozina. O seu neto tá memo interessado na Mariazinha, minha neta?... - pergunta Dona Caetana - É que eu queria dizê uma coisa...

Na frente da casa, as duas ouvem os gansos novamente, interrompendo a conversa. Deixando o frango na lata d'água, Dona Caetana corre para atender. Era Mariazinha que acabava de chegar da missa, de mãos dadas com um rapaz.

- Fiquem quietos, seus gansos travesso... Xô! Se manda! - dizia Mariazinha - Vão percurá otro pra bicá! Xispa!

Dona Caetana espantando os gansos, recebe a neta com alegria, abraçando-a carinhosamente.

- Maria! Veio armoçá cumigo, hoje, fia? - pergunta ela.

- Se num tivé nenhum pobrema, vô... Trôxe meu namorado... É o Nadir...

Dona Caetana já sabia que sua neta, de dezoito anos, estava namorando com o filho do Zé Antunes, dono do sítio perto da igreja.

- Bão dia, Dona Caetana! Fiquei sabeno que a coieita de mio da sinhora foi boa este ano... - dizia o rapaz, segurando o chapéu, demonstrando simpatia.

- Foi das miores, fio... Bão, entra, entra... - diz Dona Caetana.

- Primêro as dama... - responde Nadir, abrindo espaço para Mariazinha e fazendo também o sinal da cruz, quando avista a imagem de São Lázaro.

Ao entrarem, Mariazinha vê Dona Frozina, que, para auxiliar a amiga, estava terminando de depenar o frango.

- Bão dia, Dona Frozina! Tudo bem com a senhora? - pergunta Mariazinha.

Dona Frozina não sabia que Mariazinha tinha namorado. Fica constrangida quando avista aquele rapaz de mãos dadas à ela.

- Tudo bem, fia... - responde ela, limpando as mãos num lençinho que trazia sempre consigo e cumprimentando-a.

- Esse é o Nadir, meu namorado... - diz ela.

Nadir, olhando para Dona Frozina, muda seu semblante.

- Bão dia. - diz ele, seco.

Dona Frozina percebe que o moço não se agradou de sua presença e, dirigindo-se à Dona Caetana, diz:

- Bão, cumadre... A prosa tá boa, mas já tô ino...

- 'Magina! Ocê fica pra mó de nós armoçá esse frangão!! - diz Dona Caetana.

- Fica pra próxima. Inté mais, cumadre. - diz Dona Frozina, cumprimentando a amiga e dirigindo-se para a estreita rua de terra.

Dona Caetana entende a atitude de Dona Frozina e, convidando o casal de jovens para sentar-se, vai até a cozinha para preparar o café.

- O que que houve cocê, Nadir... - pergunta Mariazinha, já sabendo a resposta - Ocê chegô tão alegre da missa e agora taí, todo borocoxô...

Nadir, olhando para a namorada, diz asperamente:

- Cê sabe.

- Ai, num credito... Ocê tá é cum ciuminho de novo, Nadir? - pergunta Marizainha, zombando.

- Ciúme... Hã... Ciúme... Té parece... - diz ele.

- Eu sei que é, bobão! Ocê tá inciunado por causa que o neto da Dona Frozina tá ispaiando pra todo mundo que gosta de mim... Fala a verdade vai... - diz ela, rindo.

Nadir ficara vermelho de raiva. Detestava quando Mariazinha o tratava daquele jeito. Levantando-se, olhando para ver se Dona Caetana não estava vindo, aumenta um pouco o seu tom de voz e diz para a namorada:

- O que que essa véia tava fazendo aqui na casa da sua vó? Veio trazê recadinho do Vicente, é???

Mariazinha, acariciando o rosto de Nadir, diz:

- Ô meu namoradinho ciumento... Quantas vezes tenho que te dizê que o Vicente não significa nada pra mim? Eu nem conheço direito o rapaz... Eu vô me casá cocê, amor... A Dona Frozina vem até aqui é porque ela gosta muito da vó... Elas são amiga desde criança... Num tem nada a vê co peixe...

Nadir fica olhando desconfiado. Logo Dona Caetana chega com o café e com milhos cozidos.

- Taqui, fia. Fiquem à vontade. Se o Nadir ficá envergonhado, ocê serve pra ele. Vô dexá ocês sozinho um poco, porque eu tenho que continuá preparando um coeio e depois vô fritá frango e fazê o resto do armoço.

- Brigado, vó. - diz Mariazinha.

Dona Frozina já estava um tanto distante da casa de Dona Caetana. Quando passava próxima de um barranco repleto de capim-gordura, leva um susto ao ver alguém pular do meio do mato.

- E aí, vó?? - diz um rapaz.

- Ai!! Vicente! Que susto, minino travesso!! - grita ela.

- Falô com a Dona Caetana? O que que ela disse? - pergunta ele.

- Ocê ficô aí, iscondido? Tá cheio de cobra nesses capim, fio... É pirigoso! - responde ela.

- É eu sei... Já matei uma agora poco... Mas e o caso da Mariazinha, vó? - continua ele.

- Se ocê tava ispiando quem passava por aqui, na certa viu a Mariazinha passá co namorado, num é? - pergunta Dona Frozina.

Vicente abaixa a cabeça. Logo responde com outra pergunta:

- Será que o namoro dos dois é pra valê memo, vó?... É que aquele Nadir é muito troxão.. Tem nome de muié, tem perna torta e é burro. Já repitiu de ano umas cinco veiz... Inquanto que eu sô isperto, forte, bunito e inteligente, pois sô o único do colégio que só repitiu duas veiz ainda...

- Confesso que tamém acho que ocê é o mior pra ela, fio. Aquele Nadir é um mar-inducado.. Num sabe nem respeitá os mais véio... Me tratô com ar de grã-fino... - diz Dona Frozina.

Os dois seguiam o caminho conversando. Quando Dona Frozina disse essas palavras, Vicente pára e diz, muito nervoso:

- Cuméquié, vó? Aquele fiote de cachorro-do-mato martratô a sinhora?? Ah, mas eu vô vortá lá agora e dizê umas pocas e boas praquele caruncho de feção!!

Dona Frozina, segurando o neto, diz:

- Não, fio! Vamo imhora. Dexa. Se Deus quisé que a Mariazinha fique seno sua, intão ninguém pode i contra... Ispera pra vê...

- É... Tudo bem, vó... Vamo imhora memo... Mas ai desse Nadir se eu cruzá cum ele por aí... - termina Vicente.

Dona Caetana estava servindo o almoço. Antes de se sentar à mesa, Nadir dirigi-se até o banheiro que ficava no meio do quintal dos fundos. Aproveitando sua ausência, Mariazinha pergunta para sua avó:

- Ei, vó... Que o Nadir num me iscuíte, mas... O que é que a Dona Frozina veio fazê aqui? Tem alguma coisa a vê co Vicente?

Dona Caetana, vendo o interesse da neta, responde:

- Não fia... A cumadre veio comprá quílera... Nossa!!! Ela foi imhora e isqueceu de levá a comida dos pinto...

- Ah... - diz Mariazinha, desapontada.

Dona Caetana, vendo que sua neta estava diferente, continua:

- Bem... Num era só por causa da quílera que ela veio, não.. Pra falá a verdade ela insinuô que...

Logo, chega Nadir, limpando as mãos.

- Hum!!!! Esse coeio tá cum chêro delicioso, Dona Caetana... - diz ele.

Avó e neta abaixando a cabeça terminam a conversa.

- Vamo agradecê a cumida. - diz Dona Caetana.

Numa rápida ação de graças, logo todos estão saboreando aquelas iguarias feitas no fogão à lenha.

Após o almoço, o casal sai e fica na varanda, namorando. De repente, Vicente aparece, após também ter ido almoçar na casa de sua avó. Parando em frente à casa, como quem não quer nada, diz para Mariazinha:

- Batarde Mariazinha... Eu vim aqui pra buscá a quílera que minha vó ficô de comprá de Dona Caetana... Sabe como é, né?... Tem uns mar-criado que num sabe tratá uma sinhora decentemente que cabô fazendo ela i imhora sem levá a incomenda... - diz ele, olhando para Nadir.

Nadir levanta-se. Mariazinha percebendo que haveria briga segura o namorado pela camisa.

- Carma, Nadir! - diz ela - Vóóó!!! O neto da Dona Frozina taqui!

Vicente fica encarando Nadir. De repente, surge Dona Caetana com o pacote de quílera. Sentindo o ciúme por parte de Nadir no ar, a

senhora entrega o pedido à Vicente e diz-lhe:

- Toma aqui, fio... Diz pra sua vó que é por conta da casa...
- Mas eu tô co dinheiro pra pagá a sinhora, Dona Caetana... - diz ele.
- Não precisa... Não precisa... Agora vai simbora que os pinto deve de tá cum fome... - termina ela.
- Tá bão... Inté, Mariazinha! - diz ele, virando-se.

Mariazinha sorri. Nadir, vendo esta atitude por parte de sua namorada, encoleriza-se.

- Já tá na hora de eu í andando tamém... - diz ele, com certa frieza - Tchau, Mariazinha.

Mariazinha olhando-o irritada, pergunta-lhe:

- Que foi que eu fiz dessa vez, Nadir??? Toda vez que ocê vai imhora assim é porque ocê tá brabo cumigo...

Nadir, olhando fixamente em seus olhos, responde:

- Pra mim chega, Mariazinha... Cabô-se o que era doce... Vô vivê minha vida e ocê vive a sua... Tô cansado de parecê um besta...
- Mas do que que ocê tá falando, Nadir??? Que conversa mole é essa? - pergunta Mariazinha.
- Só um idiota que num perceberia o seu oiá praquela safado. - responde ele.
- Quê? Do quê cê tá falando, home? Quem oiô pra quem?? - continua ela.

Nadir, enfiando o chapéu com força na cabeça, despede-se de Mariazinha:

- Inté mais! Logo, logo, eu vorto.

Mariazinha fica sem entender, mas demonstra que não se importa se Nadir volte ou não.

Naquela noite, na paróquia de São Lázaro haveria quermesse. Mariazinha ficara até a noite na casa de sua avó. Como já era de costume passar domingos com Dona Caetana, Mariazinha sempre deixava roupas para ocasiões especiais. Após um banho, procura usar seu melhor vestido. Colocando uma fita branca em seu cabelo, despede-se da avó:

- Tchau vó! Tô indo pra a quermesse! Brigado pelo armoço e pelo café da tarde! Deus lhe pague!

- Ora, fia! Ocê sabe que pode ficá cumigo o tempo que quisé! Quando ocê chegá em sua casa, manda um abraço pra sua mãe! Fala pr'ela aparecê aqui, se dé, amanhã. Eu e o pai dela num tamo podendo saí muito e já tamo cum saudade... Apesar docês morá perto, essa rua de terra tá um poerão danado e tá fazendo mar pro seu vô, que tá trabaiaando com tosse na lavoura...

- Tá bão, vó! Té mais!

Quando estava para chegar ao portão, Nadir aparece à sua frente. Estava com uma pequena caixa de papelão contendo alguns objetos. Mariazinha somente olha para ele, mas não diz nada.

- Vim devorvê tudo o que ocê me deu, Mariazinha... Num quero ficá cum lembrança de nada do nosso namoro... Pode vê e comprová... Tá tudo aí... O pente de chifre branco, a gravata listradinha, o restinho de perfume e inté o calendário com a foto de Santo Antonio segurando o minino Jesus.

- Ocê tem certeza de que ocê qué memo acabá co nosso namoro, Nadir? - pergunta ela, segurando a caixa.

- É mior pra nós dois. - termina ele, despedindo-se.

Enquanto Nadir distanciava-se, cabisbaixo, Mariazinha tem um pensamento:

- “Eita... Agora tô livrinha da sirva. Eu vô é curti a quermesse!”

Passando próximo ao capinzal onde Vicente ficara escondido, Mariazinha joga a caixa e todos os objetos que Nadir acabara de devolver e, dando pulinhos de alegria, segue sua caminhada até o largo da igreja.

Sem Mariazinha imaginar, Vicente estava novamente escondido naquele mato. Permaneceu ali por horas, tentando observar Mariazinha na casa de sua avó. A caixa havia caído perto de Vicente, que estava agachado. Quando ele percebe que eram pertencem de Nadir, pensa consigo:

- “Parece que a Mariazinha tá sem namorado... Acho que os dois brigaro de jeito dessa vez... Eu vô é corrê pra casa, tirá esse chêro de capim-gordura e corrê pra quermesse!!!! Brigadão, São Lázaro!”

Uma grande multidão estava participando daquele evento da comunidade. Havia várias barracas de doces, salgados, jogos e outros. Por verem Mariazinha sozinha, muitos rapazes ficam paquerando-a, porém o coração de Mariazinha já havia sido conquistado.

Maleco, um desses rapazes pergunta para um amigo:

- Tá vendo aquela garota ali, Biró?

- Quem? A Mariazinha., irmã do Zé Antonio? - diz ele.

- É... Ocê sabe que o pai e mãe dela são dono de toda aquelas terra que vai dá lá pras banda da pedrêra? - pergunta ele.

- É... Tudo mundo sabe... Filiz o home que casá com essa muié... Aquelas terra dá pra fazê uma fazenda e criá gado... - diz ele.

- Pois pelo que eu tô vendo ela num tá mais namorando o Nadir... Nesse caso, taqui o futuro marido e futuro herdêro das terra dos pai dela... - diz Maleco, pegando umas flores do jardim da igreja.

Enquanto Maleco dirige-se para Mariazinha, surge Vicente, de bicicleta, meio atrapalhado. Com a pressa que estava para encontrar Mariazinha, perde o controle e atropelando Maleco, ambos caem. Todos vendo aquela cena começam a rir. Somente o padre corre para ver se estavam machucados.

- Meus filhos! - diz o padre - Vocês estão bem? Venham! Eu ajudo a levantarem-se.

Maleco, muito nervoso, levantando-se sozinho, agarra Vicente pelo colarinho e gritando lhe ameaça:

- Seu fio-de-um-pioio-de-cobra! Pres'tenção por onde anda!! Da próxima veiz eu te faço inguli essa bicireta inferrujada!

Ao dizer isso, Maleco solta Vicente novamente no chão, que, ainda meio tonto, tenta levantar-se, no que é ajudado pelo padre. Recolhendo as flores, Maleco vê Mariazinha aproximar-se. Seguindo em direção à Mariazinha, no que ela se aproxima, ele estende seu braço, segurando as flores e diz:

- Procê, Mariazinha...

Mariazinha, por sua vez, nem sequer se dá conta de Maleco e, desviando-se dele, corre para auxiliar Vicente. Maleco fica sem reação, ao ver seu amigo Biró dando risadas, encostado na barraca do churrasco.

- Ocê tá bem, Vicente? - pergunta Mariazinha.

Vicente, olhando-a, responde:

- Tô miór... Mas acho que preciso de ajuda pra vortá pra casa.

- Eu ajudo ocê... - diz Mariazinha, levantando-o.

CONTINUA...